

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E
ANÁLISE EXISTENCIAL

Bernardo Saraiva de Lima

A PATOLOGIZAÇÃO DA ANGÚSTIA NA CONTEMPORANEIDADE E A TERAPIA
DASEINSANALÍTICA

Belo Horizonte
2022

Bernardo Saraiva de Lima

**A PATOLOGIZAÇÃO DA ANGÚSTIA NA CONTEMPORANEIDADE E A TERAPIA
DASEINSANALÍTICA**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Eduardo Rodrigues
Alves Evangelista
Área de concentração: Psicologia Clínica

Belo Horizonte
2022

150 L732p 2022	<p>Lima, Bernardo Saraiva de.</p> <p>A patologização da angústia na contemporaneidade e a terapia Daseinsanalítica [recurso eletrônico] / Bernardo Saraiva de Lima. - 2022.</p> <p>1 recurso online (32 f.) : pdf</p> <p>Orientador: Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista . Coorientador: Claudia Lins Cardoso.</p> <p>Monografia apresentada ao curso de Especialização em Pós-graduação em Psicologia Clínica: Gestalt-terapia e Análise Existencial - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.</p> <p>Inclui bibliografia.</p> <p>1. Angústia. 2. Psicoterapia. I. Evangelista , Paulo Eduardo Rodrigues Alves. II. Cardoso, Claudia Lins. III. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. IV. Título.</p>
----------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL

Folha de Aprovação
A PATOLOGIZAÇÃO DA ANGÚSTIA NA CONTEMPORANEIDADE E A TERAPIA DASEINSANALÍTICA
BERNARDO SARAIVA DE LIMA

monografia defendida e aprovada, no dia **dez de dezembro de 2022**, pela Banca Examinadora designada pelo Colegiado do CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA: GESTALT-TERAPIA E ANÁLISE EXISTENCIAL da Universidade Federal de Minas Gerais constituída pelos seguintes professores:

Paulo Eduardo Rodrigues Alves Evangelista - Orientador
FAFICH/UFMG

José Paulo Giovanetti
FAFICH/UFMG

Belo Horizonte, 27 de abril de 2023.

Profª. Drª. Claudia Lins Cardoso

Coordenadora do Curso



Documento assinado eletronicamente por **Valteir Gonçalves Ribeiro, Chefe de seção**, em 27/04/2023, às 09:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Claudia Lins Cardoso, Professora do Magistério Superior**, em 27/04/2023, às 20:42, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **2258644** e o código CRC **0586689F**.

RESUMO

A objetivação do ser humano que se apresenta enquanto traço da sociedade moderna aparece como uma forma de subjetivação que reduz a angústia da experiência humana a um sintoma, afastando a possibilidade de sua apropriação enquanto abertura privilegiada para a singularização da existência e sua compreensão enquanto determinação ontológica. O presente artigo busca, através da compreensão do conceito de angústia na Daseinsanalyse, e a partir da analítica existencial de Heidegger, passando pela compreensão das formas com que o homem moderno se relaciona com o mundo na contemporaneidade, problematizar como angústia e existência são vivenciadas no mundo contemporâneo, para então, trazer luz a possibilidades outras de compreensão desse fenômeno que possam subsidiar uma prática clínica de orientação daseinsanalítica. Nesta terapia, a angústia é reconhecida como ontológica e, portanto, devendo ser apropriada, deixando que se desdobre e abra para a existência outros possíveis.

Palavras-chave: Angústia; Psicoterapia; Daseinsanalyse

ABSTRACT

Human being's objectification, which relates to a feature of modern society, shows up as a mechanism of subjectivation that reduces the anguish of the human experience to a symptom, removing the possibility of its appropriation as a privileged opening for the singularization of existence and its understanding as ontological. This article aims to, through understanding the anguish in Daseinsanalyse, and from Heidegger's existential analysis, as well as the understanding of the ways which modern man relates to the world in contemporary times, problematize how anguish and existence are experienced in the contemporary world, to bring to light possibilities of understanding this phenomenon that can subsidize the clinical practice in a daseinsanalytic orientation. In this therapy, anguish is recognized as ontological and, therefore, should be appropriated, allowing it to unfold and open other possibilities to the existence.

Key-words: Anguish; Psychotherapy; Daseinsanalyse

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 A ANGÚSTIA NA DASEINSANALYSE.....	9
2 CONTEMPORANEIDADE: A EXPULSÃO DA ANGÚSTIA.....	17
3 A IMPORTÂNCIA DA ANGÚSTIA NA TERAPIA DASEINSANALÍTICA NA CONTEMPORANEIDADE	24
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	31

INTRODUÇÃO

A Era da Técnica, como assim postula Heidegger (2002), é responsável por ditar a forma com que o homem da sociedade contemporânea se relaciona com o mundo. Frente às incertezas que a existência nos propõe, uma série de aparatos são desenvolvidos a fim de se tentar atenuar a insuportabilidade que o caráter de desabrigo do homem, uma vez que se percebe irremediavelmente livre e responsável pelo seu próprio ser, se lhe impõe através da manifestação da angústia - pois Dasein é, afinal, aquele para quem sempre está em jogo o seu ser. Passa a angústia, dessa forma, a ser vigorosamente combatida, num movimento contrário ao da apropriação da existência, à medida em que se aliena essa que é disposição afetiva fundamental para a abertura e singularização. Nessa lógica de funcionamento de evitação e encobrimento, cria-se uma sociedade extremamente medicalizada, consumidora de produtos e serviços que prometem suprimir a angústia a qualquer custo. Não obstante, essa desenfreada tentativa de controle não apresenta sucesso, ademais, produz uma legião de indivíduos dependentes de um arsenal cada vez maior de medicamentos e outros mecanismos de encobrimento, e cada vez mais enquadrados na nosologia psiquiátrica em função das repercussões da restrição de sua liberdade decorrentes do estreitamento do seu horizonte de sentidos. (Dantas, Sá e Carreteiro, 2009)

Buscando compreender os preceitos e fundamentos de uma psicoterapia alinhada à ontologia fundamental, a temática da angústia será abordada ao longo deste projeto, compreendendo a sua importância enquanto disposição afetiva fundamental como abertura privilegiada para rearticulação de mundo e novos modos de ser. Assim, esta pesquisa tem como objetivos específicos compreender a angústia e seus desdobramentos na Daseinsanalyse, conhecer a forma com que angústia é vivenciada no mundo contemporâneo, e demarcar a sua importância na terapia daseinsanalítica, a fim de apontar caminhos que possam levar a singularização da existência.

No primeiro capítulo, a partir de uma breve exposição da forma como as psicologias e psicoterapias em sua história remontam e reproduzem a lógica mecanicista e biologicista do modelo médico hegemônico, e como a angústia também é pensada e submetida a essas normas, esta, que é disposição afetiva fundamental, será apresentada enquanto tal, à luz da Daseinsanalyse de Boss e de demais contribuições de autores que tomam como base a analítica existencial heideggeriana.

No capítulo seguinte, será abordada a forma como a angústia é vivenciada na modernidade, num movimento de evitação e tamponamento que corresponde aos anseios de imediatismo, performance e consumo da sociedade contemporânea, que denunciam a insuportabilidade em lidar com qualquer desconforto que se imponha à existência, devendo ser controlado e categoricamente extirpado através dos mais variados mecanismos de encobrimento. Para tanto, serão visitados autores como Ivan Illich (1975) e suas contribuições acerca da alienação da dor e negação da morte; Han (2017/2021), em sua compreensão da sociedade contemporânea como sociedade paliativa, e demais autores que contribuem para a compreensão da temática abordada.

Ao final do projeto, no terceiro capítulo, será revisitada a angústia na perspectiva daseinsanalítica, agora mais especificamente a fim de demarcar e explicitar a sua importância para uma psicoterapia de orientação daseinsanalítica, compreendendo a disposição fundamental como ferramenta propulsora para a rearticulação de mundo e construção de outros sentidos possíveis, que não aqueles herdados pela tradição e correspondentes a retóricas hegemônicas no horizonte histórico do Dasein.

1 A ANGÚSTIA NA DASEINSANALYSE

Boss (1981), em *Angústia, Culpa e Libertação*, fala de uma disposição da Psicologia e dos psicoterapeutas em abordar a angústia a partir de uma ótica de mera causalidade, demarcando uma cronologia dos fenômenos, de forma que o anterior seria responsável pelo imediato consequente, numa tentativa, ainda, de traçar um marco inicial, um acontecimento primário que fosse responsável pelo desencadeamento de todas as consequentes angústias.

O psiquiatra denuncia a mentalidade dominante na psicologia, psicopatologia e psicoterapia, relativa à objetivação do homem, que em um recorte reduzido do fenômeno, prontifica-se a observá-lo numa perspectiva de relação causal, perdendo aquilo que, de fato, o constitui.

Ao abordar a essência da angústia, o autor afirma que a angústia humana traz sempre um "de que" do qual tem medo e um "pelo que", referindo-se ao que ela teme. O "de que" está sempre relacionado àquilo que coloca em xeque a condição de dasein, que ameaça a possibilidade do estar-aí humano, e o "pelo que" diz respeito a essa própria condição, à medida que é por ela que o indivíduo zela, pela sua manutenção (Boss, 1981).

Na Daseinsanalyse, o interesse que se tem na angústia é, sobretudo, clínico. (Kunz, 2018, citada por Mertens, 2022). A angústia, aqui, se manifesta de forma mais imediata; é compreendida no domínio ôntico-existencial. É compreendida como uma emoção – avassaladora – que emerge do temor da ameaça à existência do Dasein, que teme a possibilidade da morte, de não mais poder ser (Boss, 1981, citado por Mertens, 2022). Para o psiquiatra, o indivíduo deve livrar-se da angústia no processo clínico daseinsanalítico; ela [a angústia], que se manifesta sob a forma de um estreitamento, deve ser superada, libertando o Dasein para suas possibilidades de ser até então restritas.

Já para Heidegger (1976, citado por Mertens, 2022), a angústia revela ao Dasein seu caráter de poder ser, bem como a possibilidade de alcançar o seu si mesmo, abandonando a existência impessoal e a tutela do mundo. A angústia não é algo a ser superado, ela coloca o Dasein diante da possibilidade de libertar-se da

impessoalidade da existência imersa nas ocupações cotidianas, abrindo caminho para sua singularização. O angustiante é indeterminado – não se trata a angústia de uma *emoção*, causada por determinado ente, temor ou circunstância – nos angustiamos frente ao nada. A angústia é aqui, ontológica – Dasein se angústia pelo seu próprio ser-no-mundo, por ser aquele para quem sempre está em jogo o seu próprio ser (Mertens, 2022).

Werle (2003), ao trazer a temática do temor e angústia, pontua que ainda que o temor esteja relacionado a algo objetivo do mundo a sua volta, o endereço último de seu temor na verdade é ele mesmo. O temor por algo definido só aparece pois é o próprio homem que é afetado pela ameaça subjacente no objeto de temor; é sua existência que está em jogo.

Prossegue o autor, diferenciando o temor da angústia especificamente no fato de a angústia ser mais ampla que o temor. Enquanto o temor está relacionado a um ente específico, o objeto da angústia é indeterminado. Não sabemos diante de que nos angustiamos, mas tentamos encontrar apoio para nos livrar da angústia renunciada no tédio buscando refúgio no estreitamento do contato com os entes à nossa volta. A angústia é, no entanto, refratária ao movimento de ocupação, e se intensifica.

O porquê do angustiar da angústia não é, portanto, algo determinado ou relacionado a um ente específico. Dasein se angustia pelo próprio ser-no-mundo, é a própria existência que é angustiante. Afirma o autor, conforme Heidegger, que a angústia é a disposição fundamental que anuncia o nada, e é dessa forma que nessa disposição anímica todo o mundo perde o sentido, pois não conseguimos nos apoiar em nenhum ente nele presente (Werle, 2003).

Para Boss (1981), a angústia não se limita à experiência reduzida que a subjetividade moderna imprime. Pelo contrário, ela é responsável pela abertura do indivíduo a um mundo de possibilidades, no qual, embebido de liberdade, pode experimentar as mais diversas coisas, à medida que se afasta da perspectiva atrofiada da angústia, que atua somente a nível supressor. O indivíduo que mais medo sente da morte, é aquele que também mais teme a vida, e dessa forma vive a angústia de forma sufocante, tal qual ela costumeiramente se lhe apresenta, limitando-se a ponto de não explorar a plena vastidão que ela reserva.

A abertura do ser à liberdade se dá justamente na abertura à essência total da angústia. É na vivência de sua essência que se faz possível o rompimento com suas formas subjetivistas e psicologistas. Neste sentido, o autor defende uma prática psicoterápica orientada a partir de um relacionamento fenomenológico com o mundo. O psicoterapeuta nessa perspectiva quer a libertação do paciente para si mesmo, sendo este o seu existir. Trata-se da condução a um caminho em que o indivíduo possa aceitar as suas possibilidades como sendo próprias, para então delas dispor livremente e com responsabilidade (Boss, 1981).

Ao tematizar angústia e morte, o autor afirma que não é possível, a partir do momento que se tem conhecimento de algo, deixar de reagir a isso. Por isso, o homem é ser-para-a-morte, o único ser ciente de sua finitude, que não pode deixar de responder a esse *saber*, ainda que de forma fugaz e/ou encoberta. Em seu entendimento, no entanto, manter a consciência da morte, tê-la sempre no horizonte, é a postura mais livre que o homem pode assumir frente a sua mortalidade, que impede a fixação em outras atitudes que porventura possam aparecer como respostas ao insuportável desse dar-se conta de seu caráter de finitude, observado nos modos de viver contemporâneos como no acúmulo de posses ou a desenfreada entrega às atividades cotidianas, ou a imersão extenuante nas obrigações do trabalho. Boss pontua que nessas formas de procedimento existe um torná-las absolutas que rouba do indivíduo a capacidade de perceber que a vida deve ser aproveitada e de que cada momento é irrecuperável.

Fala o autor, em contrapartida, daquele indivíduo que durante sua vida permitiu a abertura às possibilidades de sua existência, que abraçou aquilo que se lhe fez possível, num movimento de entrega que permitiu o cumprimento de seu caráter de ser local de aparecimento. Este indivíduo é aquele que consegue vivenciar a morte sem o medo paralisante característico da existência que não se abriu as suas possibilidades, que respondeu constantemente à angústia num movimento de fuga e evitação - para esses o morrer sempre chega cedo demais (Boss, 1981).

Heidegger (2005) formula a angústia como fator fundamental para o desvelamento do ser, um ser de possibilidades, um projeto lançado ao mundo, através do qual deve se realizar. Em contínuo processo de reinvenção, Dasein

(ser-aí), é também ser-no-mundo, à medida que homem e mundo se encontram intrinsecamente ligados. O homem é dotado de mundanidade, não podendo existir, portanto, sem que haja um mundo no qual existir.

Como tonalidade afetiva fundamental, afirma o filósofo que a angústia é mais do que apenas uma emoção, estado de ânimo ou afetação do humor, que compõem a dimensão ôntica da existência; a angústia é ontológica, pois remete à totalidade da existência como ser-no-mundo; e enquanto tal é capaz de "resgatar" o *ser-aí* de seus projetos e ocupações cotidianas, projetando-o novamente no horizonte de suas possibilidades (Mertens, 2022).

A angústia, portanto, é disposição fundamental pois singulariza a existência do homem e abre a possibilidade de saída da decadência e apropriação de seu ser. Permite ao homem, de certa maneira, esvaziar-se de mundo e restituir-se como ser-no-mundo. Dasein é, afinal, aquele para quem sempre está em jogo o seu ser (Ferreira, 2002).

O *angustiar-se* da angústia, diferentemente de outras tonalidades afetivas, não está diretamente relacionado a algo da esfera ôntica. O angustiante para Heidegger é indeterminado, é frente ao nada que ser-no-mundo se angustia, não no encontro de determinado ente intramundano (Mertens, 2022).

Heidegger (2005) aponta o nada como a possibilidade da revelação do ente enquanto tal para o Dasein. Dessa forma, não se trata o nada de um conceito oposto ao ente, mas sim pertence originariamente à essência mesma deste ser. Ser e nada estão inerentemente ligados, à medida que a finitude, caráter fundamental do Dasein, bem como o próprio Dasein, só se revelam a partir da concepção do nada, que é ao mesmo tempo provocador da angústia e efeito dela - o ser que é livre e dotado de múltiplas possibilidades se depara com o nada em sua ausência de determinação.

Em sua analítica existencial, concebe a angústia como um fundamento do Dasein humano, parte de sua disposição afetiva. Aponta que a angústia advém da compreensão que o homem tem de sua finitude, de seu caráter de temporalidade, configurando-se, portanto, como ser-para-a-morte. Dessa forma, toda angústia é, em última instância, angústia de morte. Aponta, porém, que é também próprio ao

homem a tendência de, através de interpretações impessoais, tentar se afastar do encontro à experiência de finitude.

Como projeto lançado no mundo, cabe ao homem ser; assumir sua própria existência, pois Dasein é irremediavelmente relação com o próprio ser, e somente sua morte determina o não mais ter de ser. Na angústia, Dasein é abertura – uma série de possibilidades estão abertas, cabendo ao homem assumi-las com propriedade ou de forma imprópria.

Nessa direção, fala o filósofo que o homem não é um ser dotado de possibilidades, ele é suas possibilidades. E por ser suas possibilidades, aquilo que ainda não é de fato, ele é existencialmente. Isso que ainda não é, mas que pode vir a ser, também é sua existência e diz respeito ao seu modo de ser (Heidegger, 1927/1993, citado por Roehe, 2012).

Heidegger fala da decadência do Dasein na impessoalidade como um movimento de fuga de si mesmo, observado por exemplo na entrega à ocupação da cotidianidade e na ditadura da impessoalidade, em que o *ser-aí* se perde na publicização de seu ser no convívio com os outros, tomando-se apenas como mais um ente simplesmente dado (Santos e Neto, 2019).

Fala, ainda, da emergência da ciência e de como ela, à medida que concebe a noção de uma verdade absoluta, afasta o indivíduo do questionamento, pontuando, inclusive, o homem contemporâneo como desconhecedor do processo de questionar, assumindo papel de mero reprodutor dessas verdades inquestionáveis. Em última instância, o que se observa é o enrijecimento da existência, uma vez que o indivíduo dela abre mão de se apropriar (Heidegger, 2002).

Não necessariamente, no entanto, está fadado o indivíduo a viver na impessoalidade da cotidianidade. Uma ruptura com o mundo não é possível para o *ser-aí* que é mundano, mas há possibilidades de estabelecer identificações outras que não as herdadas pela tradição que já trazem prontos modos de ser. Romper com os sentidos pré-estabelecidos exige do *ser-aí* um movimento contrário à tendência própria do homem - Heidegger fala de uma tendência da existência em se afastar da angústia através de interpretações impessoais, no sentido justamente de

permitir a abertura e possibilidade que a angústia oferece de uma interpretação mais própria ao indivíduo (Santos e Neto, 2019).

Para os autores, a angústia não é algo que se instaura em determinado momento ou em determinada circunstância; ela não vem de algum lugar, tampouco se aproxima e se distancia. A angústia é inerente, simplesmente está; o *ser-aí* é atravessado pela angústia pois ela é originária. Heidegger pontua que é rara a angústia "propriamente dita"; ela está, na verdade, sempre presente, ora manifesta, ora adormecida. É tonalidade afetiva e não uma atividade mental; é a própria existência que suscita a angústia, não um *algo* determinado com o qual se depara.

Enquanto tonalidade afetiva, a angústia desempenha de forma privilegiada o papel de abertura; privilegiada, pois aquilo que é aberto pelas tonalidades afetivas fundamentais não é possível ser de uma outra maneira (Chillón, 2018, citado por Santos e Neto, 2019). Prosseguindo, a partir de Heidegger, trazem que é a angústia que singulariza e resgata o *ser-aí* da decadência, devolvendo-o a faculdade de dispor com liberdade acerca de suas possibilidades - ainda que para seguir no caminho da impropriedade. Não podendo superar completamente, no entanto, as ocupações e preocupações, a decadência - que é um existencial - tampouco pode ser ultrapassada, uma vez que sempre aparece enquanto possibilidade. O que a angústia permite é um escolher mais próprio que rompa com o domínio totalitário do falatório (Santos e Neto, 2019).

Feijoo (2012) fala da tradição de uma psicologia clínica voltada a uma concepção objetivista do homem - sujeito -, pautada pelas compreensões das ciências da natureza, que elege uma suposta instância estrutural - o psiquismo - como objeto de pesquisa e escrutínio, para a apropriação, explicação e superação das ditas conflitivas que o afligem através de um processo de autoconhecimento e autorrevelação - aqui considerando-se que existem experiências, vivências e/ou traumas que são desconhecidos ou foram renegados ao acesso deste indivíduo. Essa perspectiva de psicologia aplicada, sustentada por uma teoria explicativa que atende aos critérios das ciências naturais, sofre importante influência, conforme pontua a autora a partir de Sá e Mattar (2008), da perspectiva funcionalista difundida no final do século XIX.

Em contrapartida às práticas clínicas que se enquadram no modelo acima apresentado, a autora traz a proposta de uma clínica psicológica fundamentada na concepção de Dasein desenvolvida por Heidegger, tal qual como postulado por Binswanger e Boss.

Segundo Feijoo (2011), Binswanger parte em sua Dasein-análise das noções de projeto e cuidado de Heidegger, ao passo que Boss, também a partir do filósofo, traz as tonalidades afetivas da angústia e do tédio como norte para a compreensão da existência.

Conforme a autora, tanto em Boss quanto em Binswanger, ainda restam resquícios do que seria uma psicodinâmica em suas dasein-análises, elementos que são contraditórios a hermenêutica proposta por Heidegger. Pontua também a autora que o próprio filósofo apontou que Binswanger fez interpretações de sua obra que não correspondem de fato ao que ele propôs como uma analítica do Dasein, e - embora tenha respaldo de Heidegger - que alguns destes elementos podem também ser encontrados na formulação de Medard Boss, que apontam influência de Binswanger, como, por exemplo, a importância das relações de amor para o alcance da libertação, conclui a autora.

Segundo a autora, Heidegger define a existência também por seu caráter de nadaidade, ou seja, não há uma determinação a priori que a defina, sendo ela responsável por fazer-se, constituir o seu próprio ser. Tal noção parte justamente da desconstrução da ideia de uma subjetividade que promove o filósofo. Para a autora, a compreensão da existência como finita e circunscrita em seu horizonte histórico, responsável por sua realização e singularização, é fundamental no sentido de caminhar cada vez mais para a superação da ideia de uma interioridade psíquica e de práticas clínicas que tenham como fim uma suposta superação alcançada através do autoconhecimento. É nesse terreno que se abre espaço para uma clínica não fundamentada nas ciências naturais.

Neste caminho, fala sobre a importância de tomar a existência como um fluxo constante no horizonte histórico, noção abordada por Heidegger que auxilia na compreensão das crises existenciais como um fruto das tentativas de correspondência da existência às demandas do mundo, movimento marcado por um abafamento das tonalidades afetivas emergentes deste mesmo horizonte histórico.

Tal compreensão permite pensar a existência para além da noção de sujeito, esta historicamente concebida em paralelo à noção de mundo. A noção de mundo histórico traz novas possibilidades de compreensão além da dicotomia homem e mundo, através da perspectiva do Dasein, que por sua vez possibilita novos caminhos para a clínica psicológica de orientação fenomenológico-existencial (Feijoo, 2012).

Compreendida a angústia em seu caráter de disposição afetiva fundamental através dos desdobramentos da analítica existencial de heideggeriana e sua tematização na Daseinsanalyse de Boss, prosseguiremos a fim de conhecer as formas que angústia e existência são vivenciadas no mundo contemporâneo.

2 CONTEMPORANEIDADE: A EXPULSÃO DA ANGÚSTIA

Illich (1975) fala da alienação da dor, imposta pela civilização moderna, que acontece a partir da retirada do caráter de intimidade e pessoalidade da dor, não mais a considerando como uma manifestação inerente ao processo de transformação e adaptação do homem ao seu meio, e sim como algo a ser categoricamente suprimido por meio de alguma intervenção. Tira-se do homem a responsabilidade pelo seu próprio processo, limitando, dessa forma, a sua capacidade de assumi-lo enquanto seu. A medicalização da dor aparece enquanto mecanismo desse fenômeno, criando indivíduos totalmente dependentes dessa prática, a partir do empreendimento desenfreado pela redução do sofrimento.

O autor reconhece, ainda, uma relação direta entre o grau de independência e autonomia do indivíduo à visão que se tem da morte na sociedade em que ele está inserido. Pontua que uma cultura que enxerga a morte a partir da lógica do temor, produz indivíduos com maiores graus de dependência, cenário em que o tecnicismo da medicalização impera.

A dor, a doença e a morte passam a ser evitadas de tal forma que aprópria vida delas se vê refém: vive-se em função de, a qualquer custo, extinguir esses males, e para tanto, produz-se uma série de mercadorias, que aparecem enquanto seus agentes supressores. O medo e a angústia frente à ideia de morte, dessa forma, tomam proporções de níveis insuportáveis, corroborando numa experiência de vida paralisada.

Nessa mesma linha, Han (2021) fala da contemporaneidade, sobremaneira, a partir da compreensão da relação estabelecida nessa época com a dor. Embora Han fale de dor, entendemos que se refere a todo modo humano de sofrer. Nesse sentido, sofrimento tem a ver com o relacionar-se humano com aquilo que ameaça a sua integridade, seja do ponto de vista somático, seja do ponto de vista psicológico.

Para o filósofo, a dor é concebida como algo a ser extirpado, um mal que apenas atrapalha o indivíduo em sua capacidade produtiva. Vai além, e fala da dor, em contraponto a outras eras, como algo a que não se atribui nenhum sentido. A dor carece de significado, não sendo, portanto, sequer algo passível de ser

problematizado ou indagado, perdendo-se, dessa forma, qualquer possibilidade de construção ou compreensão dela sob uma perspectiva mais profunda.

O autor fala da contemporaneidade como um tempo pós-narrativo, ao passo que entende a narrativa como algo que possibilita, se assim podem ser separados em entidades duais, uma superação do espírito frente à contingência do corpo. Em outras palavras, entende que é a narrativa, através da atribuição de um sentido à dor, que possibilita curar a doença [a dor]. No entanto, sendo a dor sem sentido, resta ao espírito sucumbir à supremacia do corpo.

Nessa lógica de funcionamento, cria-se grande demanda à medicina, pois onde a dor não faz sentido e torna-se um mal a ser combatido, são necessários recursos para tal.

Segundo Mutarelli (2017), a medicalização pode ser pensada, à luz de Heidegger, como um fenômeno que exprime o caráter tecnicista da compreensão de mundo do homem da sociedade contemporânea. Na era da técnica, como postula o filósofo, o controle da produção aparece enquanto ferramenta para prever e atingir determinados resultados. Dessa forma, cria-se a ilusão de que quanto mais controle e padronização dos processos, desde que tais procedimentos sejam seguidos, serão alcançados os resultados desejados.

É nessa lógica de funcionamento que a medicalização opera. O indivíduo passa, então, a ser tomado como objeto de estudo que deve ser submetido ao escrutínio de um saber operatório - aqui também compreendido o saber médico - que desempenha um papel explicativo e interventivo.

Dessa forma, passa a própria experiência humana a ser compreendida sob uma ótica mecanicista que num movimento reducionista se propõe a controlar, prever ou prevenir fenômenos multideterminados do ser humano. Conforme pontua a autora, a medicalização é uma das facetas desta que é, afinal, uma forma de desvelamento do mundo que é próprio à era da técnica.

A partir dessa compreensão, é fácil entender o fenômeno da medicalização e a potência da indústria farmacêutica, que fornece um arsenal de medicamentos que garantem a supressão da dor, e por que não, uma dose de felicidade?

Han (2021), completa que, no entanto, apesar da possibilidade de supressão da dor, ela tão logo retorna, pois é, na verdade, a ausência de sentido da vida que dói.

Além da ausência de sentido característica da dor contemporânea, o filósofo sul-coreano fala da solidão e da falta de proximidade como fatores que potencializam essa dor. De tal forma, tanto as dores crônicas como autoinfligidas podem ser compreendidas como uma súplica à experiência da proximidade. "Falta-nos, evidentemente, a curadora mão do outro. Nenhum analgésico pode substituir aquela cena originária da cura." (Han, 2021, p.60).

A dor é, para o autor, constitutiva da vida, de tal forma que entende que sem a dor nem sequer vivemos, apenas entramos num modo de sobrevivência que sacrifica a própria vida em nome do conforto, aqui entendido como ausência de dor.

Tampouco é possível sem a dor o estabelecimento de vínculos, pois esses exigem um estar-com-o-outro de fato, numa relação sincera, verdadeira, que necessariamente suscita alguma dor. A fuga à dor é também, portanto, a negação da possibilidade de vínculos intensos, característica da sociedade paliativa postulada pelo autor. Ele vai além e fala da zona de conforto paliativa como algo onde, em alguma medida, também é negada a realidade. "A anestesia permanente da sociedade paliativa desrealiza o mundo" (Han, 2021, p. 64) pois "(...) Percebemos primeiramente a realidade na resistência que dói" (p. 64).

A digitalização, conforme pontua o autor, é também um mecanismo que compete na desrealização, à medida que também atua como um agente anestésico, observado na busca desenfreada pelo "curtir" que embota o indivíduo em sua relação com a realidade.

Paradoxalmente, pode também o indivíduo esvaziado de si fazer um movimento de busca e resgate a partir da dor, que, conforme pontua o autor, acentua a autopercepção (Han, 2021). Pode a autoagressão ser compreendida, dessa forma, como uma tentativa de resgate de si e de seu senso de existência; "Sinto dor, logo existo" (p. 65), completa o filósofo.

Comportamentos de risco e prática de esportes radicais podem, nessa mesma lógica, aparecer enquanto tentativas de o indivíduo assegurar-se de si. A

sociedade paliativa que criminaliza a dor é a mesma que, cada vez mais, produz extremismos; pois tão mais profundo o estado de anestesia, mais intensos são os estímulos necessários para o resgate da vivacidade adormecida.

A sociedade paliativa vive sob a égide da ordem digital, onde morte e dor não têm lugar, mas são males a serem combatidos. A ordem digital contrapõe-se à ordem terrena. A distância assume caráter de insuportabilidade a partir da inauguração da ordem digital e passa a ser dirimida através da disponibilidade, que por sua vez torna tudo objeto de consumo - "O habitus digital enuncia: tudo tem de estar imediatamente disponível" (Han, 2021, p.93).

O mundo da disponibilidade é o mundo do consumo; tudo e todos são objetos de consumo (ou todos já poderia até tornar-se tudo?); há uma coisificação oculta na lógica do consumo. O imediatismo é o imperativo, demorar-se já não é mais permitido. Na impossibilidade da indisponibilidade, perde o outro a sua alteridade; não podendo fazer-se indisponível, torna-se objeto de consumo. O mundo da disponibilidade é o mundo da negação à alteridade.

O mundo da negação à alteridade é também o mundo da insensibilidade à dor do outro. Dor e violência são consumidas em ampla escala; estampam os noticiários e as mídias de massa de tal forma que inviabilizam seu processamento. Ao passo que a imagem que indigna convocaria o indivíduo à ação, a massa de imagens anestesia o indivíduo, que não vê outra possibilidade senão a passividade, que dessensibiliza e cristaliza.

Não só a banalização da violência - que carrega consigo um tanto de um voyeurismo em relação ao sofrimento alheio - explica a marcante perda da capacidade de empatia observada na sociedade atual; como anteriormente explorado, também a coisificação do outro é fator participante. O outro coisificado não gera dor, mais do que isso, cria-se um distanciamento, e o outro só torna a aparecer enquanto objeto de consumo.

Conclui o autor, que não há vida sem a dor; são indissociáveis. Extirpar a dor é anestesiá-la a vida. A insuportabilidade da dor é característica de uma sociedade que, paradoxalmente, coloca a vida em suspenso enquanto busca a longevidade e a

imortalidade. O preço que se paga, no entanto, é o mais alto possível: dá-se a própria vida em troca.

Han (2017), em *Sociedade da transparência*, fala de um imperativo de aceleração e operacionalização dos processos do sistema social, observados através do que nomeia coação à transparência. Tal processo, pontua o autor, coaduna com o que entende como uma desconstrução da negatividade, que nesse contexto assume caráter de tudo aquilo que opõe resistência e desacelera a comunicação. Aqui, tudo deve ser o mais livre de interferência possível, a comunicação torna-se tanto rasa quanto rápida, num fenômeno de comunicação rasa do igual.

A desconstrução da negatividade passa a ser preconizada, num processo de construção de uma sociedade positiva, que resta justamente na transparência que elimina tudo que seja negativo e ofereça resistência. Passar a ser também rechaçado qualquer sentimento negativo, de forma que tanto dor como sofrimento perdem suas formas de expressão, tal qual apontado na sociedade paliativa (Han, 2017).

Prossegue o autor, apontando que tudo torna-se produto, passando tudo a ser mensurado conforme seu valor expositivo; o ser perde a importância enquanto a exposição torna-se objeto de valor. Em detrimento do existir, apenas aquilo que é visto é valorizado. Na sociedade positiva, repousar e demorar-se em si não têm valor (Han, 2017).

Contudo, não sem repercussões se dá a evitação de todo e qualquer sentimento negativo. Partindo de Nietzsche, pontua o autor que é justamente no demorar-se junto ao negativo que a alma humana toma profundidade e grandeza. Na ausência da negatividade, observa-se o excesso de positividade, que cria terreno para o desenvolvimento dos "sofrimentos psíquicos" contemporâneos - esgotamento, cansaço, depressão.

A impossibilidade de demorar-se no negativo furta a possibilidade da narrativa, que por sua vez impede a atribuição de sentido ao sofrimento e a dor, como anteriormente abordado. A ausência da narrativa e dos rituais - o autor (Han, 2021) fala também do ritual como um processo narrativo prescindido pela sociedade

contemporânea - implica numa percepção do fim como uma ruptura perturbadora, por não poder ser contemplado como, de fato, uma conclusão.

A angústia, tema desta pesquisa, é uma forma de dor, à medida que arranca a existência do reconfortante decaimento no mundo. Na contemporaneidade, porém, não há lugar para a negatividade da angústia. Dantas, Sá e Carreteiro (2009), trazem a temática da patologização da angústia, fenômeno que se evidencia como uma das formas de produção de subjetividade na sociedade contemporânea. Apontam, ainda, a psicologização e a medicalização deste que é um dispositivo fundamental da existência [a angústia], como elementos componentes de uma lógica de controle que, compulsivamente, propõem solapar, ou tamponar essa condição inerentemente humana de incerteza e de desamparo frente à existência, num movimento de evitação e encobrimento.

Partindo de Heidegger (2002, citado por Dantas, Sá e Carreteiro, 2009) e de sua compreensão acerca do mundo da técnica, apontam a tecnologia enquanto uma recorrente ferramenta utilizada no processo de subjetivação no mundo contemporâneo, ferramenta que se propõe a controlar o desejo humano, restringindo a experiência acerca do sentido da existência. Essa constante tentativa de controle, em função do desabrigo sentido frente à incerteza da existência, não logra êxito ao tentar suprir as experiências que o processo de existência abarca.

Os autores falam de alguns dos projetos de controle observados na sociedade contemporânea que são utilizados como ferramentas para afastar o indivíduo do encontro com a angústia de morte: a ciência que busca incessantemente prolongar cada vez mais a vida biológica ou a cultura de mercado que implementa a noção de planejamento de vida sustentada pelo consumo de produtos, tanto da indústria de seguridade como da indústria de saúde.

Dantas (2011), aponta que a angústia experimentada frente à noção de finitude ameaça o projeto de consumo e felicidade vendido na modernidade, bem como ameaça esta ilusória noção de controle. Conforme sustenta a autora, no processo de negação e evitação da angústia, o que se observa é a sua administração sob as mais variadas formas patologizadas, expressas através de compulsões, transtornos de ansiedade, dentre outros.

Os avanços científicos, bem como a ciência em si, evidenciam o vazio existencial característico da contemporaneidade, verificado na falta de sentido experienciada no encontro à angústia. Na época moderna, a experiência do indivíduo é reduzida de tal forma que a angústia passa a ser discutida apenas enquanto manifestação neuroquímica ou, então, como uma manifestação subjetiva a ser suprimida através de tratamento medicamentoso ou psicológico (Dantas, Sá e Carreteiro, 2009).

No DSM-5 (2014), a angústia aparece enquanto sintoma constitutivo dos mais variados transtornos psiquiátricos, elencada juntamente a um rol de outros sintomas que juntos definem a existência de uma determinada psicopatologia. Os fenômenos vividos pelo indivíduo passam pelo crivo de um saber operacional que os reduz a sintomas, padronizando critérios diagnósticos para a constatação de supostas desordens que afetam o funcionamento mental deste indivíduo, para então, nortear a intervenção médica, que visará a supressão dos sintomas apresentados.

Apesar desse contínuo esforço para se obter controle e segurança acerca da existência, a angústia se apresenta como fenômeno refratário a esse projeto, verificando a impossibilidade de sua sujeição a quaisquer tentativas de supressão. A angústia é, na verdade, disposição afetiva fundamental para a busca e atribuição de sentido à existência (Dantas, Sá e Carreteiro, 2009).

Uma vez compreendida a maneira que a sociedade contemporânea dita os modos de ser do homem, e como nessa forma de funcionamento a angústia e as dores do existir são confrontadas numa lógica supressora, que, a despeito das investidas, não logra êxito no empreendimento de controle da existência, serão discutidos no capítulo seguinte, a partir da demarcação da importância da angústia na terapia daseinsanalítica, caminhos possíveis para uma compreensão dessa disposição fundamental que se alinhe ao projeto de singularização da existência.

3 A IMPORTÂNCIA DA ANGÚSTIA NA TERAPIA DASEINSANALÍTICA NA CONTEMPORANIDADE

Segundo Evangelista (2015), Boss, em sua Daseinsanalyse, tem a preocupação de fundar uma disciplina terapêutica capaz de abordar a experiência humana de forma mais contextualizada ao seu modo de ser, ultrapassando as noções de Medicina e Psicologia até então vigentes, que em seu ver trazem uma objetivação do homem e uma abordagem do fenômeno apenas num corte reduzido que não abarca a complexidade de sua existência.

O psiquiatra tem como ponto de partida o adoecimento humano. É a partir da existência adoecida que Boss formula sua Daseinsanalyse, sendo o adoecimento compreendido como restrição de liberdade.

O processo terapêutico na Daseinsanalyse tem como fio condutor, a partir do encontro entre paciente e daseinsanalista, a libertação da existência, ou seja, a superação da restrição de liberdade que o indivíduo apresenta. Trata-se de, através de uma relação de cuidado, possibilitar que a existência se torne livre. A noção de cuidado estabelecida nessa relação entre paciente e terapeuta é a de solicitude libertadora, noção descrita por Heidegger como um modo de preocupação que não toma o outro como coisa e dela se ocupa, no sentido de uma preocupação substitutiva, que toma para si a responsabilidade do cuidado, mas, sim, uma preocupação que devolve o cuidado do indivíduo para si, promovendo a sua liberdade num movimento de o tornar livre para seu próprio cuidado. Trata-se de deixar-ser o outro para que ele possa assumir o seu poder-ser de forma autêntica (Evangelista, 2015).

Feijoo (2011), pontua que Boss destaca como imprescindível para a clínica de orientação heideggeriana a noção - dentre outros fundamentos - da angústia. Sua noção de angústia parte, no entanto, de uma concepção de existência adoecida, diferentemente do entendimento de Heidegger que a coloca como condição ontológica do ser-aí. O psiquiatra fala da angústia e da culpa como fundamentos essenciais para a libertação do indivíduo de suas restrições, o que sinaliza em

alguma medida, algum resquício de uma teoria psicodinâmica, ainda que Heidegger respalde a formulação da Daseinsanalyse de Boss (Feijoo, 2011).

A angústia, continua a autora, tem a força de romper as significações de mundo existentes do Dasein de tal forma que ele se vê esvaziado, e é justamente a radicalidade dessa falta de sentido que abre caminho para o realizar-se do ser-aí. Ao passo que mobiliza um despertar para os novos sentidos possíveis, a angústia mobiliza também uma força contrária que diz respeito à tendência da existência ao encobrimento. São resoluções possíveis, portanto, o retorno à impessoalidade cotidiana da familiaridade subjacente ao evitamento da angústia, ou o caminho de singularização da existência, que implica, ainda que transitoriamente, a perda da tutela do mundo.

Tal qual a angústia, o tédio, enquanto tonalidade afetiva fundamental, similarmente também convoca o Dasein a um despertar, e analogamente à fuga da angústia, a um não permitir despertar. (Heidegger, 1989 citado por Feijoo, 2011). A partir dessa problemática, levanta o filósofo a proposição do que pode ser feito frente às convocações que tédio e angústia pronunciam, apontando a não resistência e a renúncia de sucumbência ao cotidiano e às ocupações como saída possível. Neste caminho, a atitude seria justamente de não empenhar resistência e de aproximação destes fenômenos, para que eles possam, por si próprios, dizer ao que vêm (Feijoo, 2011).

Tal postura condiz também a atitude do analista no contexto clínico; não deve este ser mais um agente que promove o encobrimento desses fenômenos que convocam o indivíduo; tampouco cabe a ele antecipar e substituí-lo em seu cuidado, aqui resgatada a noção de solicitude libertadora. Segundo Feijoo (2011), na clínica daseinsanalítica, é pressuposto fundamental que analisando descreva da forma mais clara possível os fenômenos vivenciados, e que o analista esteja sempre atento às interpretações que seu paciente faça destes fenômenos, a fim de compreender o que de fato está em questão e o que está possivelmente subjacente em seu discurso.

Dessa forma, o objetivo é possibilitar que o analisando consiga apropriar--se de suas vivências, abrindo espaço para que ele apareça para si mesmo. Para tanto, retomando Boss, a autora fala que é necessário permitir que os fenômenos se

mostrem a partir deles mesmos. Para Heidegger, prossegue a autora, são as tonalidades afetivas fundamentais - como a angústia - que dão corpo ao que compreende como a crise do projeto impessoal observada na perda da tutela do mundo, que por sua vez é ponto de partida para a singularização da existência (Feijoo, 2011).

A intervenção do analista deve ser no sentido de abrir espaço para que o analisando possa reconhecer a si mesmo nos conteúdos que traz, ficando em suspenso quaisquer pressupostos que sejam seus. A escuta do analista passa, naturalmente, pelo seu próprio horizonte de sentidos e de compreensão, mas é o analisando quem é a medida. Trata-se de trabalhar pelo desvelamento do sentido daquilo que está sendo colocado em jogo, para que este possa aparecer de fato para esse que o descreve (Feijoo, 2011).

Através da suspensão da tutela do mundo, a angústia retira de Dasein a possibilidade de se apoiar nos entes do mundo e de tentar compreender a existência na interpretação pública do cotidiano, lançando-o na falta de sentido vivenciada diante do nada. É a angústia aqui operante que propicia a rearticulação de mundo, pois coloca a existência humana diante de si mesma. Ela traz a possibilidade de uma abertura privilegiada, que por sua vez, traz a possibilidade de singularização (Werle, 2003).

A clínica daseinsanalítica é estabelecida mais numa negatividade do que numa concepção de positividade; Dasein se refugia na tutela do mundo, buscando nele suporte justamente por deparar-se com o nada e sua fragilidade ontológica. O esvaziamento dos sentidos articulados na impessoalidade do cotidiano surge como uma imposição, muitas vezes sob a face da angústia, que aparece enquanto abertura de possibilidades (Feijoo, 2011).

Nessa mesma direção, Feijoo (2012) pontua sobre a importância de tomar a existência como um fluxo constante no horizonte histórico, noção abordada por Heidegger que auxilia na compreensão das crises existenciais como um fruto das tentativas de correspondência da existência às demandas do mundo, movimento marcado por um abafamento das tonalidades afetivas emergentes deste mesmo horizonte histórico.

Heidegger, em sua analítica existencial, conforme ressalta a autora, promove a retomada da existência, no sentido de pensá-la em sua facticidade, caráter que havia até então sido desconsiderado nas filosofias idealistas e empiristas que ora tentaram solucionar a questão da dicotomia sujeito-mundo. Para a autora, é justamente a compreensão da existência do *ser-aí* humano que permite pensar um novo modo de pensar a prática clínica, demarcando ainda a imprescindibilidade das noções de mundo, era da técnica, e tonalidades afetivas fundamentais - a saber, a angústia, objeto de estudo do presente trabalho.

Para o filósofo, conforme sinaliza Feijoo (2012), são as tonalidades afetivas fundamentais - e a angústia tem papel central - que trazem a possibilidade de se romper com o estreitamento das possibilidades existenciais, pois retiram o indivíduo, ainda que de forma transitória, da impessoalidade do cotidiano, embora marcante a tendência que temos de encobrimento dessas tonalidades. Tal tendência diz respeito à tentativa de encobrimento do caráter de indeterminação do Dasein; em última instância, de sua finitude.

É no cotidiano do mundo compartilhado, prossegue a autora, que criamos a ilusão de controle de nossa própria vida e de que não está sob ameaça nossa existência. Tal ideia, no entanto, não se sustenta, sendo solapada quando o inesperado e o indeterminado emergem, através das tonalidades afetivas fundamentais que irrompem com as determinações e sentidos construídos, escancarando a nada, a falta de sentido, abrindo, no entanto, caminho para novas possibilidades que podem ou não ser realizadas.

Num processo daseinsanalítico, é fundamental que analista e analisando trabalhem de forma a trazer à luz essas possibilidades abertas; é necessário iluminar aquilo que até então encontrava-se relegado no encobrimento. É no desvelamento que novos modos de existir podem ser acessados. É, para tanto, fundamental que se tenha clareza daquilo que é impessoal, que diz respeito à tradição e a sentidos sedimentados em nosso horizonte histórico, uma vez observado que o sofrimento existencial muitas vezes está justamente relacionado à repetição ou à reprodução de modos de ser compartilhados que aparecem disfarçadamente como próprios ou autênticos, quando acabam sendo outras saídas

ou refúgios para o desamparo vivenciado frente à falta de sentido escancarada pela angústia.

Sustentar a angústia, indagá-la e permitir que ela explicita a que veio; acompanhar o ser que está em sofrimento em sua dor e aguardar outras possibilidades que podem emergir, e a partir delas abrir caminho para que sentidos possam ser construídos, são posturas do psicólogo clínico que facilitam a possibilidade de emergência de novos modos de ser (Feijoo, 2012).

Como apontado por Boss, retomado por Feijoo (2011) e demarcado ao longo deste projeto, a Daseinsanalyse aparece enquanto uma proposta de prática clínica que possibilita o mostrar dos fenômenos a partir deles mesmos, numa atividade de suspensão dos sentidos e significados pré-construídos, e de rompimento com qualquer psicologismo e teorização que afaste o indivíduo do movimento de apropriação de sua existência, de suas possibilidades.

A angústia, que marca o caráter negativo da existência, assume papel central neste processo. Como tonalidade afetiva fundamental, rompe os sentidos estabelecidos do mundo fáctico, da impessoalidade do cotidiano, lançando o indivíduo em seu horizonte de possibilidades. É frente ao radical esvaziamento de sentido vivenciado no desamparo do encontro com a negatividade da existência, que, por sua vez, escancara a indeterminação do Dasein e seu caráter de finitude, que se faz possível a singularização e afastamento da tutela do mundo, através da apropriação de sua existência (Feijoo, 2011).

É revisitando Heidegger que é possível dar uma resposta frente à conclamação que a angústia traz, pontua a autora. Uma proposta do filósofo que não apenas se alinha ao caminho apontado pela terapia de orientação daseinsanalítica, como também o sedimenta, tal qual abordagem fundamentada na analítica existencial, é justamente a de não se opor a ela em movimentos de evitação e tamponamento, mas deixá-la dizer ao que veio, aproximando-nos, para somente dessa forma desvelar novas possibilidades e inaugurar novos modos de ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estar ciente da morte que espreita e deparar com a angústia que a escancara, pode ser motor para um despertar, ao passo que pode paralisar. Paralisaria apenas aquele indivíduo que não assumiu abertamente as suas possibilidades, e agora frente à morte angustia-se com o fato de não mais poder ser?

Saber da morte parece ir além - ou na contramão - do que se conhece dela na sociedade contemporânea. Saber da morte para postergá-la, evitá-la ou negá-la, passa ao largo de entrar em contato e estar de fato consciência dela. É um saber que tão somente visa dominar para extirpar, um saber não reflexivo, que perde a possibilidade mais rica que ela oferece - ou seria o perder, na verdade, um fugir? - uma fuga para não se dar conta que não se vive; sobrevive. E por que o sobreviver busca sobrevida? Seria um último clamor, uma última súplica pela possibilidade de realmente viver?; A vida vivida busca sobrevida? Ou quando face à morte aquietar-se por ter sido o que se pôde, por ter assumido suas possibilidades de forma própria? É, ainda, possível, aquietar-se frente a ela?

Torna-se tão mais pujante a empreitada de evitar a morte, quanto mais na verdade se evita a vida. O angustiar frente à morte, aparece, sobremaneira, como um angustiar frente às possibilidades não assumidas em vida. A morte, mais do que tudo, apresenta-se como o fim da possibilidade de assumir possibilidades. Paralisar frente à morte parece ser uma última denúncia da paralisação em curso ao longo da vida.

O existir na contemporaneidade é marcado pelos processos da era da técnica, que encobre a condição de abertura do Dasein, levando-o a modos de ser que são pautados pela impessoalidade cotidiana. Em resposta ao desabrigo escancarado pela angústia no encontro de sua indeterminação e finitude, a existência busca refúgio e amparo nos entes do mundo, numa tentativa de supressão da angústia que não logra êxito.

Trata-se, portanto, a angústia, conforme pudemos demarcar no curso deste trabalho, de uma disposição afetiva fundamental do Dasein. Através da angústia e sua condição de abertura privilegiada, o homem tem a possibilidade de elaboração

que ultrapassa a limitação imposta pelo mundo da técnica e das interpretações impessoais, rompendo com a tutela do mundo e retóricas hegemônicas em seu horizonte histórico, lançando-o em seu horizonte de sentidos, e possibilitando seu processo de singularização. A angústia desvela o ser enquanto um ser de possibilidades, e suprimi-la, retorna à supressão da própria existência enquanto abertura.

A partir da compreensão da angústia enquanto disposição afetiva fundamental que abre de forma privilegiada o ser do Dasein, bem como da compreensão de sua importância enquanto manifestação ôntica que costumeiramente chega à clínica, foram apontados ao longo do curso deste projeto, caminhos possíveis para a compreensão e cuidado para que o sentido da angústia possa emergir num processo psicoterapêutico de orientação daseinsanalítica, que se alinham, portanto, ao propósito de rompimento dos modos de ser hegemônicos herdados pela tradição e apontem rumos para uma prática clínica voltada para a singularização da existência. Destaca-se a Daseinsanalyse, enquanto psicoterapia que se fundamenta numa compreensão de existência e mundo que reconhece a angústia como constitutiva e, portanto, não busca a todo custo eliminá-la, apesar do momento histórico técnico, paliativo e avesso à negatividade em que acontece.

4 REFERÊNCIAS

American Psychiatric Association (2014). *DSM-5: Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais*. Porto Alegre: Artmed.

Boss, Medard. (1988). *Angústia, culpa e libertação*. Tradução de Barbara Spanoudis. 4a ed. São Paulo: Duas Cidades. 77p.

Dantas, Jurema Barros. (2011). *Angústia e Existência na contemporaneidade*. Rio de Janeiro: Rubio.

Dantas, Jurema Barros, Sá, Roberto Novaes de, & Carreiro, Teresa Cristina O. C. (2009). A patologização da angústia no mundo contemporâneo. In *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(2), 1-9. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000200010&lng=pt&tlng=pt.

Evangelista, P. E. R. A. (2015) A Daseinsanalyse de Medard Boss. In: Evangelista, P. E. R. A. (Org.), *Psicologia fenomenológico-existencial – Possibilidades da atitude clínica fenomenológica*. 2ª ed. rev. Rio de Janeiro: Via Verita.

Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo de. (2012). A clínica psicológica em uma inspiração fenomenológica - hermenêutica. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 12(3), 973-986. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812012000300016&lng=pt&tlng=pt.

Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo de. (2013). O homem em crise e a psicoterapia fenomenológico-existencial. *Fenomenologia e Psicologia*, 1(1), 95–106. Recuperado de <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/fenomenolpsicol/article/view/1345>

Feijoo, Ana Maria Lopez Calvo de. (2011). A clínica Daseinsanalítica: considerações preliminares. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 17(1), 30-36. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672011000100006&lng=pt&tlng=pt.

Han, Byung-Chul. (2017). *Sociedade da transparência*. Tradução de Enio Paulo Giachini. Petrópolis, RJ: Vozes.

Han, Byung-Chul. (2021). *Sociedade paliativa: a dor hoje*. Tradução de Lucas Machado. Petrópolis, RJ: Vozes.

Heidegger, Martin. (2002). *Ensaio e conferências*. Tradução de Emmanuel Carneiro Leão; Gilvan Fogel e Marcia Sá Cavalcante Schuback. 8ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Heidegger, Martin. (2005). *Ser e Tempo*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Parte I 15. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Heidegger, Martin. (2005). *Ser e Tempo*. Tradução de Marcia Sá Cavalcante Schuback. Parte II.13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

Illich, Ivan. (1975). *A expropriação da saúde: nêmesis da medicina*. Tradução de José Kosinsk de Cavalcanti. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975. 164p

Kahlmeyer-Mertens, Roberto. (2022). Dos interpretaciones de la angustia: Heidegger y Boss. *Aoristo - International Journal of Phenomenology, Hermeneutics and Metaphysics*, 5(2), 199–209. <https://doi.org/10.48075/aoristo.v5i2.29838>

Roehe, M. V. (2012). A psicologia Heideggeriana. *Psico*, 43(1). Recuperado de <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/11089>

Santos, Giovanni Augusto dos, & Neto, Libanio Cardoso. (2019). Compreensão daseinsanalítica da angústia: Ressonâncias e dissonâncias entre

Heidegger e Boss. In: Costa, Affonso et al (orgs.) *Heidegger, Jonas e Levinas*. São Paulo: ANPOF.